

PADRÕES DE CASAMENTO SEMANAL A RELAÇÃO ENTRE OS DIAS DE TRABALHO E OS CASAMENTOS NO CONCELHO DE FAFE, 1650-1905

MILENE DOS ANJOS FERNANDES*

Resumo: *Este artigo analisa a evolução da distribuição semanal dos casamentos ao longo de pouco mais de 250 anos no concelho de Fafe, localizado no norte de Portugal, assente em uma amostra de microdados composta por 26 841 datas de casamento que permitem observar o padrão semanal dos matrimónios do concelho minhoto, estabelecendo uma relação com indicadores diferenciais: comportamentos demográficos e socioeconómicos dos nubentes, entre 1650 e 1905. Os resultados evidenciaram tendências em função das características dos nubentes. Ao longo de mais de dois séculos, verificou-se uma predominância de atos ao domingo e à segunda. No entanto, esses resultados não abrangem todos os indivíduos, já que as concepções pré-maritais e indicadores socioprofissionais influenciaram a seleção do dia para casar.*

Palavras-chave: *Demografia histórica; História da família; Microdados; Dia de casar; Fafe; Portugal rural.*

Abstract: *This article analyses the evolution of the weekly distribution of weddings, over about 250 years, in the municipality of Fafe, located in the north of Portugal, based on a sample of microdata made up of 26,841 wedding dates that allow to observe the weekly pattern of weddings in the municipality of Minho, establishing a relation to the differential indicators: demographic and socioeconomic behaviours of the bride and groom, between 1650 and 1905. The results showed trends according to the characteristics of the bride and the groom. Over more than two centuries, there was a predominance of Sunday and Monday acts. However, these results do not cover all individuals since premarital conceptions and socio-professional indicators influenced the choice of the wedding day.*

Keywords: *Historical demography; Family history; Microdata; Wedding day; Fafe; Rural Portugal.*

INTRODUÇÃO

Trabalhos realizados ao longo das últimas décadas apontam a função reguladora que a variável da nupcialidade desempenhou no sistema demográfico europeu pré-industrial. Os resultados obtidos destacam o casamento como um instrumento social que influenciou diretamente na dinâmica demográfica das populações, sujeito a inibições ditadas tanto pela intolerância das estruturas socio-culturais e religiosas como pelas circunstâncias socioeconómicas e ocupacionais¹. Algumas populações do norte da Europa confirmaram a influência do dia da semana na data escolhida pelos nubentes para contrair núpcias. Por exemplo, na Inglaterra, Boulton apurou que a seleção do horário semanal para a celebração dos matrimónios aponta padrões de lazer durante a semana. As evidências

* CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Email: milene_ferriange@hotmail.com.

¹ HAJNAL, 1965: 101-143.

demonstraram que os dias escolhidos para a cerimónia deveriam estar concentrados, maioritariamente, nos dias em que o trabalho cessou ou ocorreu com menos intensidade².

A seleção do dia da semana para casar não resultava de um ato meramente aleatório; pelo contrário, parecia estar intimamente relacionada com a distribuição socioeconómica de uma sociedade³, com as atividades laborais dos indivíduos⁴, sem descartar os preceitos religiosos e culturais⁵.

Considerando as informações proporcionadas pelas evidências historiográficas nacionais, a observação da distribuição semanal das uniões não constava do indicador mais importante entre as variáveis demográficas, geralmente tratada como um dado auxiliar sem grande aprofundamento sociodemográfico. A ausência de estudos históricos longitudinais sobre populações portuguesas que apontem a presença de padrões diferenciais da distribuição semanal ao casamento reflete a necessidade de combater a escassez de dados que impedem analogias com os dados obtidos em outros países da Europa. É neste sentido que se insere o presente trabalho, com o objetivo de identificar qual a relação entre a distribuição semanal dos matrimónios com indicadores diferenciais: demográficos, sociais e ocupacionais.

Os registos paroquiais de casamento de 33 freguesias pertencentes ao atual concelho de Fafe são a principal fonte deste trabalho, através dos quais se obteve informações como: nome dos nubentes, data do matrimónio, nome dos progenitores de ambos os nubentes, a respetiva naturalidade e estado civil. A informação redigida pelos párocos nos registos paroquiais varia conforme a época e, por vezes, segundo a região. Desde a penúltima década do século XVIII até ao fim da periodização, os registos tornam-se mais completos, mantendo uma grande homogeneidade nos critérios de redação, acrescentando informações como: a idade dos noivos, residência dos pais de ambos os contraentes; nome e naturalidade dos avós paternos e maternos de cada nubente e profissão dos nubentes e dos pais. A partir de meados do século XIX, com a harmonização da lei civil com a eclesiástica, através da promulgação do Decreto de 19 de agosto de 1859⁶, os redatores passam a ser obrigados a referir de forma sistemática as profissões. Contudo, reconhece-se que, em determinadas áreas do país, são registadas as profissões em épocas anteriores. É o caso das paróquias em estudo, onde se reconhece, de um modo geral, a continuidade do critério sistemático de assentar as profissões nos registos paroquiais a partir de meados do século XVIII.

² BOULTON, 1987.

³ REID, 1996.

⁴ THOMPSON, 1967; VOTH, 1998.

⁵ ROWLAND, 1988.

⁶ VASCONCELOS, 1860.

Os trabalhos realizados ao longo das últimas décadas sobre populações portuguesas, urbanas e rurais, continentais e insulares, revelaram que, ao longo de Oitocentos, o domingo foi o dia predileto para casar. Posteriormente, foi perdendo a preferência para outros dias, sobretudo para a segunda, o sábado e a quinta-feira.

Na sub-região do Alto Minho, nas populações de Gontinhães⁷, de Âncora⁸ e de Meadela⁹, o domingo, que era o dia eleito para contrair matrimónio ao longo de Setecentos, perdeu a predileção ao longo do século XIX para outros dias: o sábado, a segunda e a quarta-feira. Comportamento idêntico ocorreu nas freguesias de Avidos¹⁰ e de Ronfe¹¹, do Baixo Minho, onde o domingo perdeu a preferência para a segunda-feira e o sábado. Por outro lado, nas populações rurais de Priscos¹², e de Aveleda¹³ do município de Braga, e na população urbana de Vila Nova de Famalicão¹⁴, o domingo mantém-se até ao século XX como o dia preferencial para casar.

Nas populações da região de Trás-os-Montes e Alto Douro, por um lado, na cidade de Chaves¹⁵, o domingo foi o dia selecionado, evidenciando uma crescente seleção ao longo do século XIX, seguido de perto pela segunda, quarta e quinta-feira; e, por outro lado, na freguesia do planalto mirandês de Palaçoulo¹⁶, o domingo passou do dia eleito ao dia completamente preterido, sobressaindo a segunda, a quarta e a quinta-feira. Na Beira Litoral, no extinto concelho do Eixo¹⁷, de um modo geral, o domingo foi o dia preferencialmente selecionado para contrair matrimónio, tendência que só se altera por volta de 1850, a favor do sábado. Também na Sé de Lisboa¹⁸, para o período estudado, anterior a 1755, os dados apontam o domingo como dia de maior concentração de casamentos, seguindo a tendência observada em outras populações.

Para a região do Alentejo, nas freguesias de Evoramonte¹⁹ no Alto Alentejo, e de Selmes²⁰ no Baixo Alentejo, apesar de os dados disponíveis não cobrirem todo o século XIX, é possível identificar um comportamento uniforme: em ambas o domingo foi selecionado como o dia preferido.

7 REGO, 2013.

8 LAGIDO, 2004.

9 SOLÉ, 2001.

10 PAIVA, 2001.

11 SCOTT, 1999.

12 FERNANDES, 2015.

13 SILVA, 1997.

14 LEITE, 2013.

15 FAUSTINO, 2014.

16 RAPOSO, 2000.

17 FERREIRA, 2005.

18 GODINHO, 2008.

19 MARQUES, 1999.

20 GODINHO, 1999.

Quanto aos nubentes insulares, concretamente aos açorianos da ilha do Pico, que casaram nas freguesias da Prainha do Norte²¹ e da Criação Velha²², ao longo dos séculos XVIII e XIX, elegeram categoricamente a segunda-feira para contrair núpcias.

No geral, é possível observar que todas as populações estudadas preferiram completamente a terça e a sexta-feira. A objeção geral a estes dias evidencia a estreita relação entre a escolha do dia da semana para celebrar o casamento e aspetos religiosos e supersticiosos²³. A observação da distribuição semanal dos matrimónios por região demonstrou que os nubentes não elegiam os mesmos dias para as cerimónias nupciais. Os contrastes regionais encontrados são um importante motivo de reflexão, principalmente num país tão pequeno como Portugal.

1. FONTES E METODOLOGIA

Os registos paroquiais de nascimentos, casamentos e óbitos constituem as principais fontes documentais. O seu manuseamento permitiu extrair as informações sobre os atos vitais relativos aos indivíduos que nasceram, casaram ou morreram nas paróquias ao longo de sucessivas gerações, privilegiando a metodologia de «reconstituição de paróquias»²⁴, assente na construção de uma base de dados demográfica e genealógica, que permite seguir as trajetórias de vida de cada residente²⁵. Por cruzamento nominativo dos atos vitais de todos os indivíduos que nasceram, casaram ou faleceram no conjunto das paróquias, foi construída uma base de dados demográfica e genealógica, individual, que fundamenta a análise quantitativa dos indicadores demográficos responsáveis pela dinâmica das populações.

Para agrupar as diferentes profissões registadas nos assentos paroquiais, recorreu-se à metodologia de classificação socio-ocupacional do HISCLASS (Historical International Social Class Scheme), baseado no HISCO, uma versão histórica da Organização Internacional do Trabalho de 1968 (International Standard Classification of Occupations, ISCO). HISCO e HISCLASS foram criados por investigadores associados ao Instituto Internacional de História Social em Amesterdão. HISCO é um sistema de classificação ocupacional que fornece uma lista de 1600 ocupações. O HISCLASS transforma essas ocupações em um número conveniente de categorias socio-ocupacionais através de um conjunto de critérios teóricos e fixos. As principais dimensões das suas categorias são a divisão

²¹ SANTOS, 2004.

²² MESQUITA, 1998.

²³ LEBRUN, 1983.

²⁴ AMORIM, 1991.

²⁵ Base de dados genealógica do concelho de Fafe (2020). Levantamento e cruzamento da informação dos registos paroquiais do concelho de Fafe, realizados no âmbito do Protocolo entre a Universidade do Minho e o município de Fafe, sob coordenação de Maria Norberta Amorim. Casa de Sarmento (www.csarmento.uminho.pt).

do trabalho em: manual/não manual, o nível de habilidade e o setor económico²⁶. De acordo com o esquema HISCLASS, agruparam-se as diferentes ocupações dos indivíduos em cinco categorias. A primeira categoria (HIS1) inclui todos os contraentes com profissões não manuais altamente qualificadas (professor, padre, boticário). A segunda categoria (HIS2) inclui todos os nubentes com profissões não manuais semiqualficadas (comerciante, enfermeiro, negociante). A terceira categoria (HIS3) abrange a classe trabalhadora, ou seja, todos aqueles que possuem ocupações manuais semiqualficadas e não qualificadas (pedreiro, sapa-teiro, carpinteiro). A quarta categoria (HIS4) é composta por agricultores ou camponeses com terra (agricultor, lavrador). Finalmente, a quinta e última categoria (HIS5) é composta por trabalhadores agrícolas sem terra e sem qualquer tipo de qualificação (marítimo, pescador, jornaleiro).

2. ÁREA DE ESTUDO

A área em estudo é composta por uma amostra demográfica e genealógica constituída por 33 freguesias (Mapa 1) que pertencem à base de dados genealógica do concelho de Fafe, que dispõe de dados matrimoniais desde 1650 (Tabela 1). As paróquias em estudo possuem características rurais e eventualmente semiurbanas, relacionadas com a elevação de Fafe ao estatuto de vila.

Tabela 1. Freguesias em estudo segundo a data de início dos dados matrimoniais

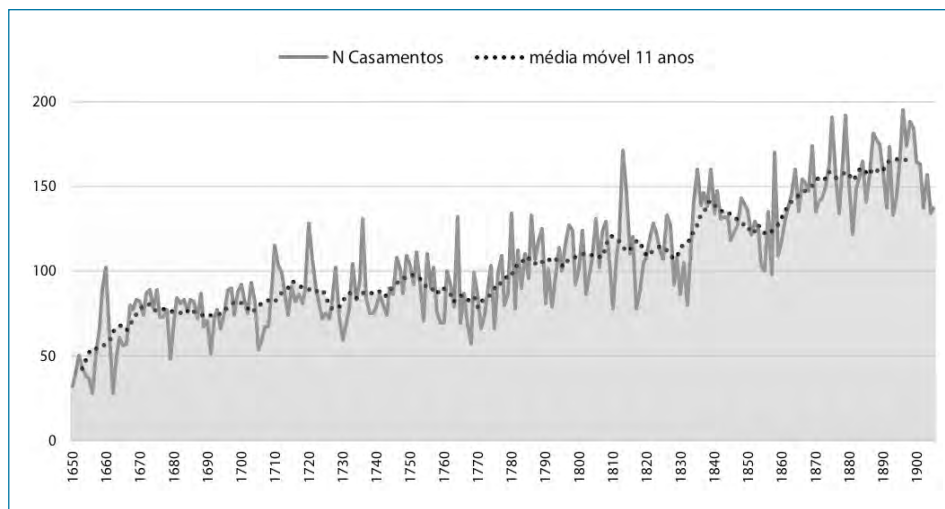
Arões (Santa Cristina)	1650	Agrela	1651	Felgueiras	1657
Arões (São Romão)		Antime		Moreira do Rei	
Cepães		Armil		Aboim	1658
Estorãos		Arnozela			
Fafe		Fareja			
Fornelos		Golães			
Freitas		Gontim			
Passos		Quinchães			
Pedraído		Ribeiros			
São Gens		Silvares (São Martinho)			
Serafão		Várzea Cova			
Silvares (São Clemente)		Medelo		1653	
Travassós		Regadas			
Vila Cova		Revelhe		1654	
Vinhós		Ardegão		1655	

Fonte: Elaboração própria (2021)

²⁶ LEEUWEN, MAAS, 2011.

Tendo em conta os quantitativos numéricos do movimento de matrimónios, são observados 256 anos com a celebração de 26 841 uniões distribuídas pelas 33 freguesias.

Gráfico 1. Distribuição anual de casamentos com médias móveis de 11 anos



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

Na evolução anual dos matrimónios transparecem diferentes ritmos de evolução, típicos em comunidades rurais do passado, com uma média anual de 104 uniões, oscilando entre um mínimo de 28 uniões no ano de 1656 e um máximo de 195 em 1896. Sobressai um notório crescimento contínuo na celebração de casamentos, nomeadamente a partir da penúltima década do século XVIII. Considerando as médias móveis, é possível identificar um crescimento do volume de atos matrimoniais a partir de meados do século XIX.

A década de 30 do século XIX assinala o início de um movimento de subida gradual do volume das uniões que atinge o seu pico na década seguinte, momento coincidente com a «construção» da vila de Fafe e com a expansão territorial. A evolução económica da região parece ter influenciado na mobilidade populacional, estabelecendo uma forte relação com o mercado matrimonial e a fixação das famílias.

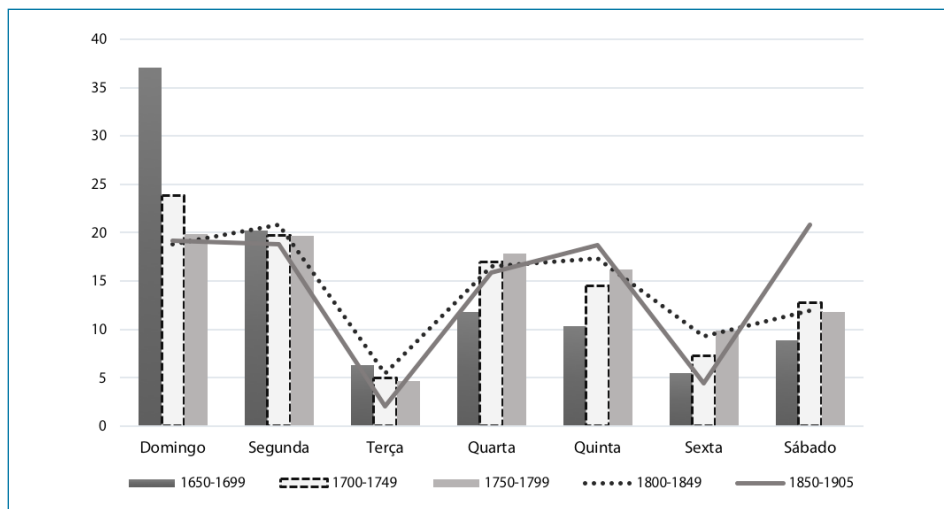
Entre as décadas de 50 e 70 do século XIX, assiste-se a uma diminuição significativa do volume anual de eventos, momento que poderá repercutir-se em vagas migratórias intercontinentais de população jovem, sobretudo masculina, reduzindo de intensidade na década seguinte²⁸.

²⁸ MONTEIRO, 2000: 145, 187, 195.

4. DISTRIBUIÇÃO SEMANAL DOS CASAMENTOS POR PERÍODOS

Para a análise da evolução dos dias da semana, optou-se por uma observação em cinco períodos que nos parecem adequados para compreender as principais oscilações ocorridas entre 1650 e 1905, bem como à dimensão da amostra (Gráfico 2 e Tabela 2).

Gráfico 2. Evolução da percentagem de casamentos segundo os dias da semana (por períodos)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

Tabela 2. Distribuição absoluta dos casamentos pelos dias da semana

Períodos	Domingo		Segunda		Terça		Quarta		Quinta		Sexta		Sábado	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1650-1699	1311	37,1	713	20,2	221	6,3	415	11,8	362	10,3	193	5,5	315	8,9
1700-1749	1023	23,8	849	19,7	215	5,0	732	17,0	623	14,5	314	7,3	550	12,8
1750-1799	948	19,9	936	19,7	226	4,7	849	17,8	770	16,2	471	9,9	562	11,8
1800-1849	1130	18,8	1248	20,8	324	5,4	992	16,5	1042	17,3	558	9,3	716	11,9
1850-1905	1581	19,2	1551	18,8	175	2,1	1310	15,9	1542	18,7	363	4,4	1711	20,8
Total	5993	22,3	5297	19,7	1161	4,3	4298	16,0	4339	16,2	1899	7,1	3854	14,4

Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

Considerando a evolução da seleção do dia para celebrar as uniões pelos períodos estabelecidos, é possível identificar a superioridade do domingo até cerca de 1749, mantendo-se, após esta data, a níveis próximos de preferência com a segunda-feira, e mais tarde, em meados do século XIX, com o sábado. Por sua vez, a terça e a sexta-feira foram os dias da semana menos escolhidos, potencial-

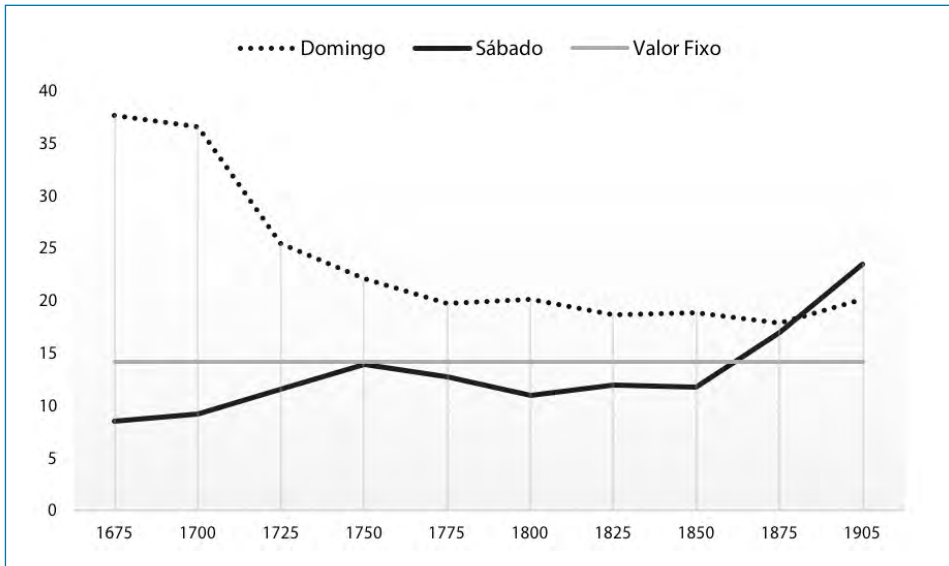
mente associados a superstições culturais e religiosas. A sexta por estar geralmente associada a dias de jejum em tempo da Quaresma e a terça por ser considerada um dia nefasto.

Curiosamente, as quartas obtiveram uma preferência acima do sábado até meados de Oitocentos. Este fenómeno foi observado em outras populações portuguesas, nas freguesias transmontanas de Chaves²⁹ e Palaçoulo³⁰, e nas paróquias minhotas de Meadela³¹ e Ronfe³². As quintas-feiras merecem uma nota, já que a sua escolha para celebrar o casamento foi gradual. Na Inglaterra, em Blackburn, Reid encontrou uma popularização das quintas ao longo do século XIX, considerando-as como «early closing days»³³.

4.1. MODELO DE FIM DE SEMANA

Do padrão evolutivo registado no fim de semana, é possível identificar o predomínio das uniões celebradas ao domingo em quase toda a periodização, sendo apenas ultrapassado pelo sábado a partir da penúltima década do século XIX (Gráfico 3).

Gráfico 3. Evolução da percentagem de casamentos ao fim de semana (1650-1905)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

²⁹ FAUSTINO, 2014.

³⁰ RAPOSO, 2000.

³¹ SOLÉ, 2001.

³² SCOTT, 1999.

³³ REID, 1996: 161.

A diminuição gradual de atos celebrados ao domingo ao longo de Oitocentos foi observada em outras regiões da Europa, como é o caso da França, onde Lebrun verificou que, no fim de Oitocentos, o sábado passa a ocupar o dia predileto dos nubentes³⁴.

Para os baixos valores do domingo ao longo do século XIX, é apontada a relação com a ocupação dos párocos na celebração das missas dominicais, ou como forma de evitar a profanação do dia do Senhor com divertimentos. Apesar de o domingo ser uma escolha permanente dos nubentes das freguesias em estudo, o que é certo é que o volume de uniões desceu consideravelmente ao longo do século XVIII.

As populações do Antigo Regime não escolhiam o dia para casar de modo indiferente, pelo contrário. Na França, os bispos afirmavam que «é lícito casar-se não importa o mês, o ano nem o dia da semana, excluindo, todavia, os Domingos e os dias de festa porque não somente o padre está ocupado com a celebração da missa dominical, mas também, cairia mal profanar o dia do Senhor com divertimentos»³⁵. Um dado que nos parece importante são as informações proporcionadas pelas visitas pastorais no concelho de Montelongo (atual concelho de Fafe), no século XVII, segundo as quais, uma das delinquências apontadas é faltar à missa e trabalhar nos dias santos³⁶. Esta informação faz-nos crer que parte da população exercia atividade laboral ao domingo, o que resultava na escolha de outros dias da semana para contrair núpcias.

Por outro lado, motivos comerciais podem ter estado na base da diminuição brusca dos valores de domingo, como a celebração de duas feiras mensais³⁷, onde a população procurava vender os seus artigos inviabilizando o usufruto do domingo para atos matrimoniais³⁸.

A valorização do sábado, a partir do último quartel do século XIX, pode dever-se a uma progressiva implantação e consolidação do comércio, e dos serviços no novo setor terciário, associado ao desenvolvimento industrial e civil da área, evidenciando um primeiro distanciamento relativo à importância da agricultura.

³⁴ LEBRUN, 1983.

³⁵ LEBRUN, 1983: 47.

³⁶ SOARES, 1997: 608.

³⁷ MONTEIRO, 2000: 127.

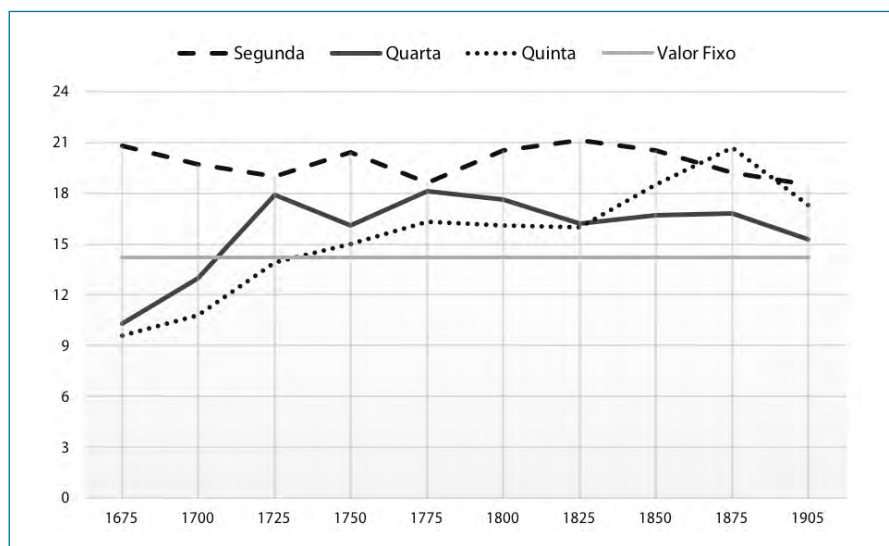
³⁸ O município de Fafe contava com a celebração de feiras mensais, de venda de produtos hortícolas e de gado. A mais célebre foi a feira de gado, do qual a região era produtora, sobretudo de gado lanar, bovino e suíno. Existiam ainda feiras anuais, no dia 16 de maio a «Feira Franca», e no dia 22 de agosto a «Feira das Cebolas», também conhecida como «Feira de São Bartolomeu», que já era conhecida no ano de 1736 (MONTEIRO, 2000: 127).

4.2. SAINT MONDAYS

A imposição de um novo modelo laboral e de dias festivos, manifestado ao longo do século XVII, passa a concentrar os trabalhos de segunda a sábado, onde o domingo é considerado um dia santo, o dia de assistir à missa. Mais tarde, em meados do século seguinte, algumas populações fabris da Inglaterra parecem iniciar uma transformação desse modelo. Muitos trabalhadores, motivados pelo cansaço da jornada da semana anterior, passam a escolher a segunda-feira como um dia extra de descanso, ocorrência que aparentemente não era alvo de penalização social ou laboral³⁹. Reid identificou a importância dos casamentos realizados à segunda-feira, em substituição do domingo, relacionando esta escolha com padrões de desenvolvimento industrial⁴⁰.

O Gráfico 4 evidencia a superioridade e a permanente seleção da segunda para o ato matrimonial dos nubentes do concelho de Fafe.

Gráfico 4. Evolução da percentagem de casamentos à segunda, quarta e quinta-feira (1650-1905)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

Destaca-se a superioridade das segundas em quase todo o período, à exceção de um pequeno momento no fim do século XIX, rondando cerca de 20% das escolhas dos noivos. De salientar a particular projeção que a quinta-feira ganha a partir de 1825, momento em que os restantes dias apresentam uma quebra.

As *Saint Mondays* estavam vinculadas também em Portugal. A opção pela segunda-feira foi uma constante que se prolongou ao longo dos séculos XVIII e XIX,

³⁹ THOMPSON, 1967; RULE, FERRANDIS GARRAYO, 1997.

⁴⁰ REID, 1996.

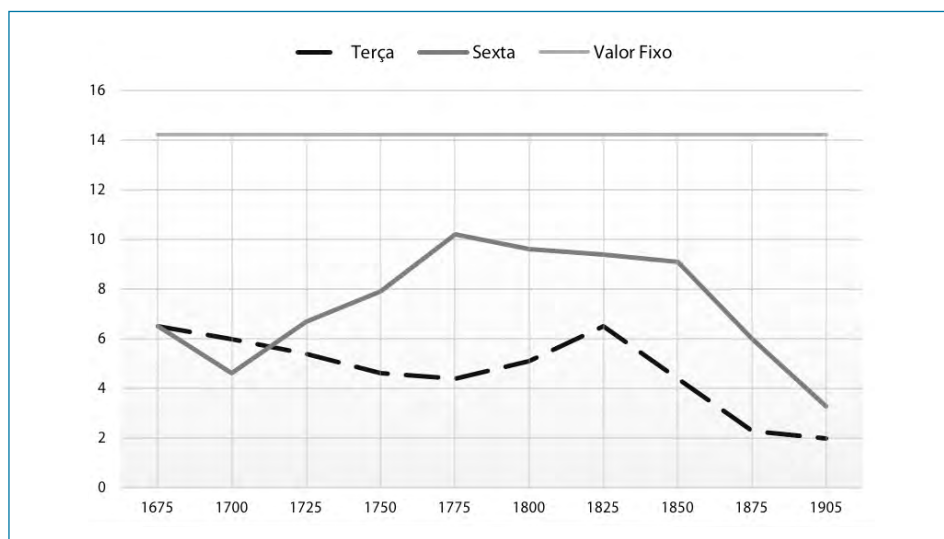
apurada em várias comunidades de regiões distintas: nas paróquias de Âncora e Meadela localizadas na sub-região do Alto Minho; em Ronfe, Avidos e Vila Nova de Famalicão da sub-região do Baixo Minho; em Chaves e Palaçoulo na região de Trás-os-Montes e Alto Douro; na Prainha do Norte e na Criação Velha da ilha do Pico, nos Açores. Na generalidade, a opção por este dia parece estar relacionada com motivações económicas, com a necessidade de venda e troca de produtos em feiras e romarias que se realizavam durante o fim de semana; ou até pela superstição. Por exemplo, na região do Alto Minho, era desaconselhada a celebração de mais do que um casamento por dia, o que poderia resultar na celebração das uniões nos dias seguintes⁴¹.

4.3. DIAS DE AZAR: TERÇA E SEXTA-FEIRA

A escolha do dia da semana para casar não resultava apenas da disponibilidade de tempos livres ou do calendário laboral. Existia outro fator que parecia influir decisivamente na seleção do dia para casar: a superstição. Dois dias parecem ter manifestado um claro mau presságio para os nubentes, com a sistemática rejeição das terças e das sextas-feiras.

Da leitura do Gráfico 5, é possível identificar que, entre 1725 e 1905, as terças constituíram o dia mais impopular para contrair matrimónio. No total, apenas 4,3% dos casamentos ocorreram nesse dia, oscilando entre um máximo de 6,3% e um mínimo de 2,1%, valor muito abaixo dos restantes dias.

Gráfico 5. Evolução da percentagem dos casamentos à terça e à sexta-feira (1650-1905)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

⁴¹ REGO, 2013.

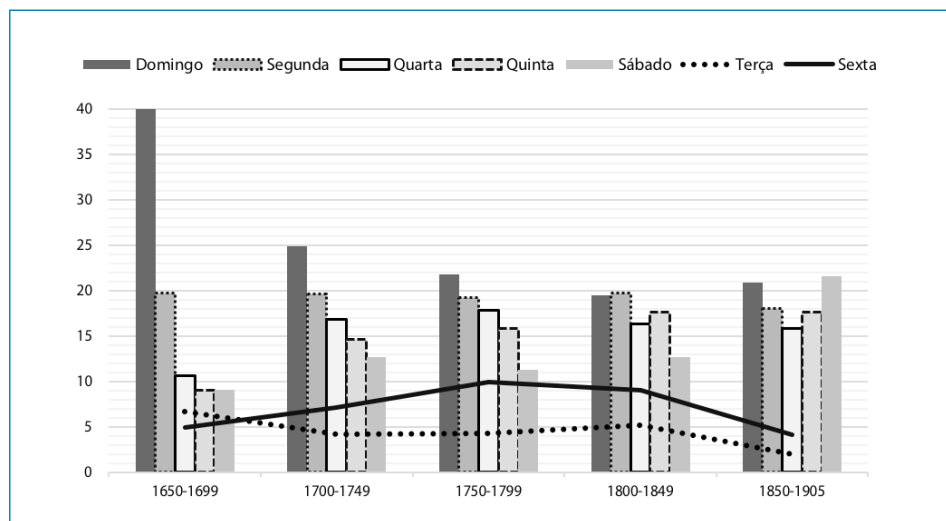
Como já tinha sido comentado, ambos os dias eram pouco populares, apesar de apresentarem uma tendência longitudinal relativamente inversa. Embora a terça tenha começado por ser o segundo dia menos popular, caiu para níveis muito baixos no fim do século XIX. Por outro lado, a sexta-feira ganhou alguma popularidade em meados do século XVIII, mantendo-se em uma tendência relativamente estável nas décadas seguintes. A estigmatização das sextas, associadas ao mau presságio, é um costume difundido na maioria dos países ocidentais com tradição religiosa cristã, uma vez que estão associadas ao dia da crucificação de Cristo⁴². No geral, ambos os dias apresentaram pouca procura, ficando muito abaixo do valor fixo⁴³ de 14,2% casamentos.

5. CASAMENTOS SEGUNDO A IDADE

Neste indicador foram contabilizados todos os casamentos registados na área em estudo entre 1650 e 1905 que, apoiado na reconstituição de paróquias, permitiu calcular a idade ao casamento.

Os Gráficos 6 e 7 apresentam o percentual semanal de casamentos celebrados por noivos com menos de 35 anos em comparação com aqueles de idade superior.

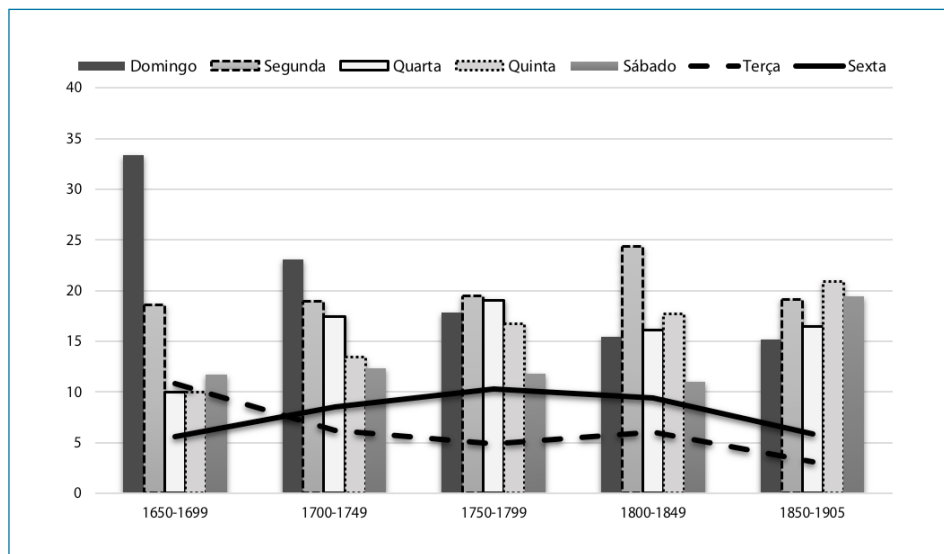
Gráfico 6. Distribuição semanal dos casamentos segundo a idade (menores de 35 anos)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

⁴² GILLIS, 1985: 71; REID, 1996: 154.

⁴³ O valor fixo (14,2%) corresponde à média de casamentos segundo o dia da semana.

Gráfico 7. Distribuição semanal dos casamentos segundo a idade (maiores de 35 anos)

Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

Na globalidade, conhece-se a idade de cerca de 65,1% dos nubentes que celebraram matrimónio na área em estudo, 50,6% destes com menos de 35 anos, e 14,5% nubentes com idades superiores. Estabeleceu-se este critério considerando que, em determinados períodos históricos, casar com 35 anos ou mais é uma idade relativamente avançada comparativamente às idades médias do primeiro casamento obtidas em trabalhos realizados sobre populações do Baixo Minho⁴⁴.

Em ambos os casos, sobressai o domingo como dia preferencial até meados do século XVIII. Após esse momento, a segunda-feira assume a preferência dos nubentes com 35 e mais anos. Sobressai ainda a quarta e a quinta-feira neste último conjunto. De um modo geral, a população com idades médias mais baixas ao casamento selecionou sobretudo o domingo ao longo de toda a periodização, com destaque do sábado no fim de Oitocentos, potencialmente associado à estrutura socio-ocupacional.

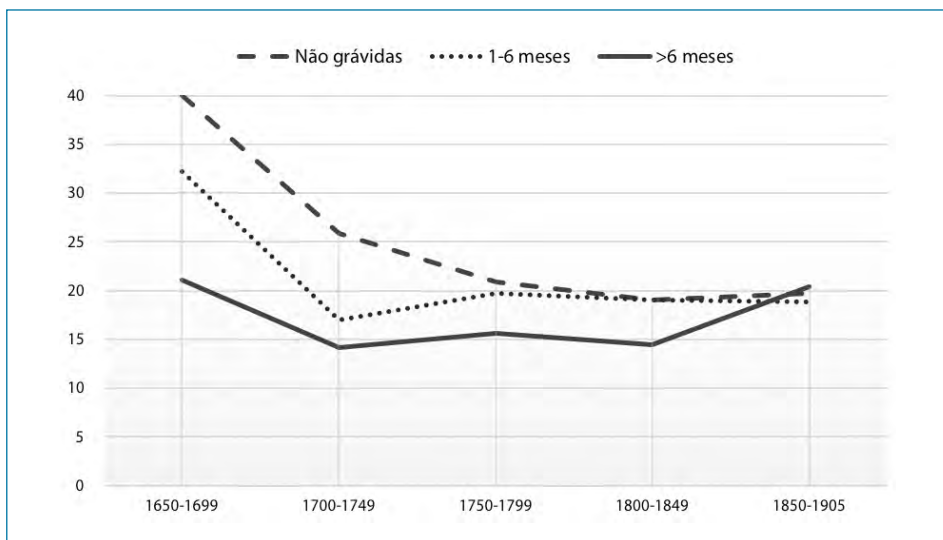
6. CONCEÇÕES PRÉ-NUPCIAIS — NOIVA ADIANTADA

Nas sociedades do passado era expectável que as conceções ocorressem dentro de um quadro matrimonial legítimo, previamente estabelecido segundo os preceitos religiosos. O comportamento sexual extramarital era penalizado, proibindo-se as

⁴⁴ Vejam-se os trabalhos de AMORIM, 1987 e FERNANDES, 2015.

mulheres grávidas de vestir o branco, levando-as, por vezes, a realizar cerimónias simples e apressadas. Apesar das normas de vigilância, tanto por parte das autoridades paterna e familiar como da comunidade civil envolvente, a ocorrência de conceções pré-matrimoniais parece ter sido uma constante, observável através dos vários estudos realizados em Portugal⁴⁵ e na Europa⁴⁶. Em Portugal, este comportamento desviante era, por vezes, indicado em tom de advertência, nos próprios registos de casamento, onde o pároco dava conta de que a noiva se encontrava já «adiantada». Um dado que nos parece interessante nesta discussão é que segundo informações proporcionadas pelas visitas ao concelho de Fafe no século XVII, onde foi averiguado o estado moral dos paroquianos, o visitador registou a presença de casos de pais «consentidores na desmoralização das filhas»⁴⁷. Considerando as penalizações sociais e religiosas às restrições sexuais antes do casamento, o volume de mulheres que estavam grávidas ao casamento (12%) é considerável, onde 4% se encontravam num estado adiantado de gestação, com mais de 6 meses.

Gráfico 8. Percentagem de famílias que celebraram os casamentos ao domingo, noivas não grávidas, noivas grávidas de menos de 6 meses vs. noivas grávidas de mais de 6 meses à data do casamento (por períodos)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

Analisando o Gráfico 8, observa-se que as mulheres não grávidas apresentaram maior propensão para casar ao domingo relativamente às mulheres em gestação. No entanto, esta superioridade de cerca de 40% registada no fim do século XVII

⁴⁵ NEVES, 2001; AMORIM, 2012; FAUSTINO, 2014.

⁴⁶ FLINN, 1989; LEBRUN, 1983; PÉREZ GARCIA, 1979.

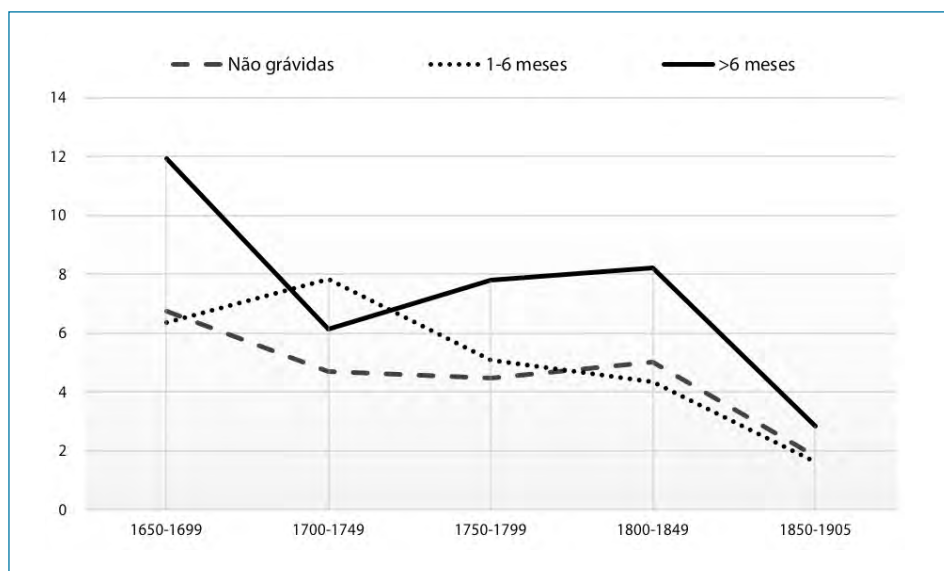
⁴⁷ SOARES, 1997: 604.

foi-se esbatendo ao longo do século seguinte, tornando-se nula no início do século XX. Este decréscimo poderá estar associado à gradual despenalização de concepções pré-maritais que as sociedades industriais foram estabelecendo, bem como ao decréscimo que o domingo representou nas escolhas dos nubentes.

Com base nos valores registados ao domingo ao longo de todo o período, as mulheres grávidas com um estado avançado de gestação, com mais de 6 meses, parecem não ter conseguido esconder a sua gravidez, enfrentando a penalização social. A partir de 1750, mulheres não grávidas e grávidas até 6 meses não apresentaram grande divergência, o que faz suspeitar que conseguiram um casamento rápido para evitar informar o padre sobre a gravidez e, com isso, livrar-se das penalizações sociais associadas à gravidez pré-marital.

Na tentativa de identificar padrões semanais de casamento divergentes, calculou-se a percentagem de famílias que celebrou o casamento à terça-feira (Gráfico 9).

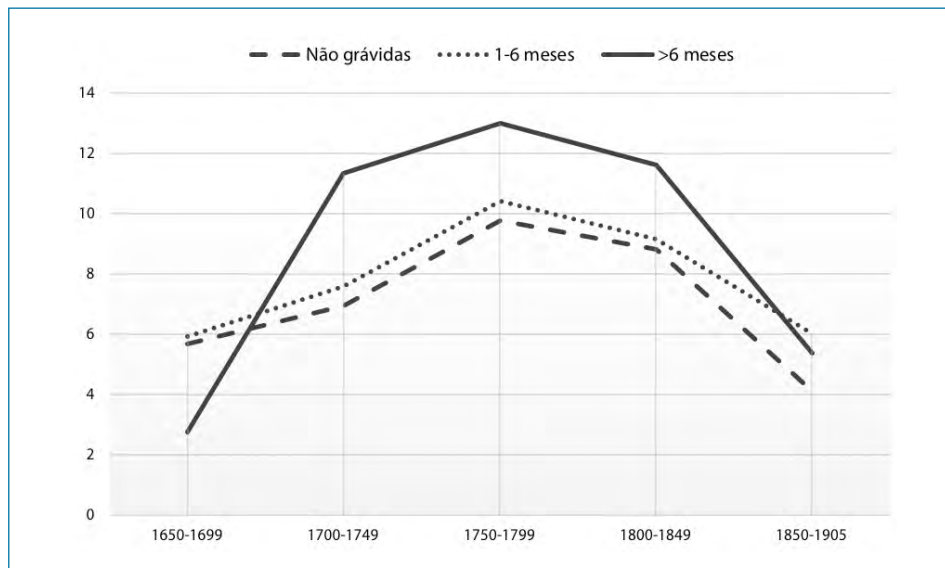
Gráfico 9. Percentagem de famílias que celebraram os casamentos à terça, noivas não grávidas, noivas grávidas de menos de 6 meses vs. noivas grávidas de mais de 6 meses à data do casamento (por períodos)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

Da leitura, observa-se que são as mulheres grávidas, sobretudo com mais de 6 meses de gestação, que se casam à terça-feira, dia praticamente preterido pelas mulheres não grávidas. Esta prática pode indicar uma tentativa de ocultação da barriga. O mesmo parece ter acontecido com os casamentos celebrados à sexta-feira, em que na sua maioria casavam mulheres grávidas com mais de 6 meses (Gráfico 10).

Gráfico 10. Percentagem de famílias que celebraram os casamentos à sexta, noivas não grávidas, noivas grávidas de menos de 6 meses vs. noivas grávidas de mais de 6 meses à data do casamento (por períodos)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

Ao longo do século XVIII e até meados de Oitocentos, são as mulheres em estado avançado de gestação que apresentam supremacia na celebração do casamento à sexta, potencialmente forçadas, por se tratar de casos de urgência, e da necessidade de selecionar dias menos movimentados. Já no século XIX, assiste-se a uma redução do volume de uniões celebradas à terça e à sexta-feira, potencialmente influenciada pela despenalização social de concepções pré-matrimoniais.

7. DISTRIBUIÇÃO SEMANAL DOS CASAMENTOS SEGUNDO AS ATIVIDADES SOCIOPROFISSIONAIS

Sendo o casamento um ato social, centrado em rituais culturais associados à disponibilidade económica dos intervenientes e do seu círculo familiar, é pertinente observar possíveis tendências dos padrões semanais segundo indicadores socio-ocupacionais.

No estudo da combinação de variáveis demográficas e ocupacionais, optou-se pela aplicação da metodologia de classificação socio-ocupacional do HISCLASS (Historical International Social Class Scheme) que tem como função agrupar as diferentes profissões em duas categorias de divisão do trabalho: manual e não manual, considerando o nível de habilidade e o setor económico⁴⁸.

⁴⁸ LEEUWEN, MAAS, 2011.

Na Inglaterra industrial vários autores identificaram a relação direta entre as folgas dos trabalhadores e a seleção de determinados dias para a celebração das uniões, o que permitiu estabelecer padrões de casamento diferenciais, assentes em critérios socioeconómicos, úteis para traçar o quadro industrial de determinada sociedade⁴⁹.

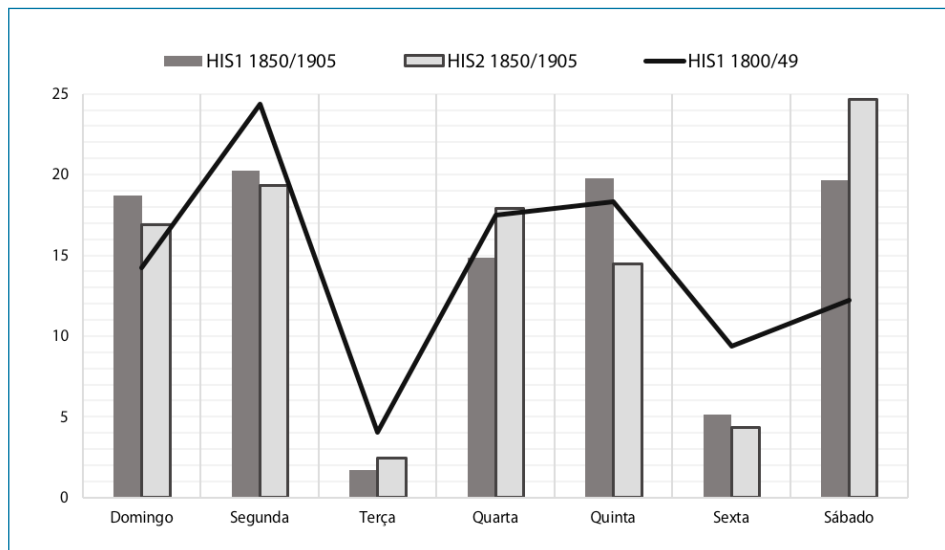
Dados sobre o município de Fafe, concretamente sobre a vila, dão-nos conta, ao longo do último quartel do século XIX, da fixação de algumas indústrias fabris, facto que corrobora os dados provenientes das bases de dados. Só após 1850 é que se identificou a menção de cerca de 220 indivíduos com ocupações relacionadas com os serviços (HISCLASS2), facto pelo qual apenas se analisa essa categoria nesse período. Para as demais estabeleceram-se duas periodizações, entre 1800 e 1849, e entre 1850 e 1905.

Das 10 765 profissões registadas, 10,6% correspondem ao grupo HIS1, 2,5% ao HIS2, 40,8% ao HIS3, 31,1% ao HIS4 e 15,0% ao HIS5. A maioria dos noivos (71,9%) pertencia aos grupos HIS3 e HIS4. Tinham profissões manuais semiqua- lificadas ou eram pequenos exploradores agrícolas com terra. Segundo os dados disponibilizados pelo Censo de 1890, o quadro relativo aos indicadores da estrutura socio-ocupacional informa que, apesar de a maioria (70%) da população do concelho se dedicar a funções agrícolas, cerca de 18% dos indivíduos trabalhavam na indústria e 4% na administração pública. Claramente, o concelho de Fafe iniciava, nesse momento, o seu processo de transição totalmente agrícola para uma época pré-industrial. Por outro lado, é importante referir o volume considerável de contraentes com profissões altamente qualificadas, principalmente se tivermos em conta a ruralidade de um município do interior do Minho.

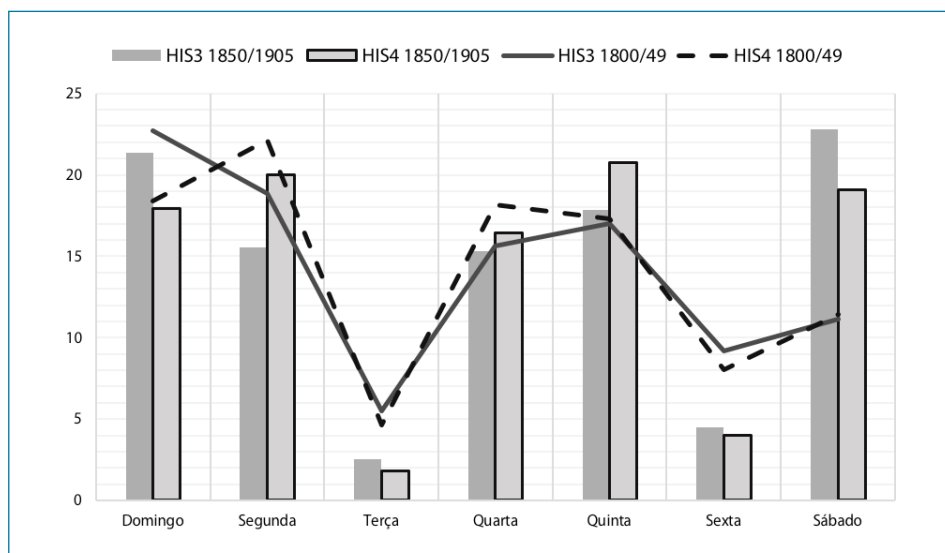
O Gráfico 11 apresenta a seleção do dia da semana para contrair núpcias dos grupos socioprofissionais HIS1 e HIS2. A distribuição referente ao grupo HIS1 aponta para, até 1850, uma maior concentração de matrimónios à segunda-feira, que se esbateu nas décadas seguintes a favor, especialmente, do sábado. O grupo HIS2, analisado somente entre 1850 e 1905, acompanhou a tendência de celebrar as uniões ao sábado. Estes dados em ambos os grupos são importantes, especialmente se atentarmos que novos padrões e horários laborais são estabelecidos neste período. Comportamento semelhante foi encontrado na vila de Ronfe, onde os noivos proprietários e os nubentes com funções no setor dos ofícios escolheram a segunda e o sábado para casar⁵⁰.

⁴⁹ THOMPSON, 1967; REID, 1996; RULE, FERRANDIS GARRAYO, 1997.

⁵⁰ SCOTT, 1999: 191.

Gráfico 11. Distribuição semanal dos casamentos dos grupos HISCLASS1 e HISCLASS2 (1800-1849/1850-1905)

Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

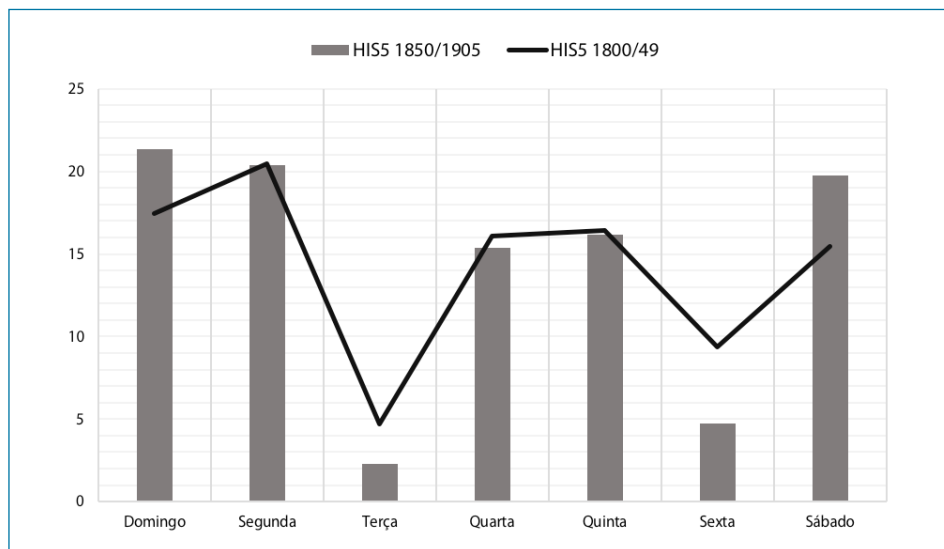
Gráfico 12. Distribuição semanal dos casamentos dos grupos HISCLASS3 e HISCLASS4 (1800-1849/1850-1905)

Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

De um modo geral, as preferências dos nubentes HIS4 não apresentaram propriamente um dia predileto. Expuseram uma distribuição semanal que é regular, sem grandes oscilações, à exceção do sábado, facto que poderá estar relacionado com a ausência de horários e de dias fixos para o cumprimento de tarefas.

As preferências dos nubentes do grupo de trabalhadores dos ofícios (HIS3) apresentaram uma elevação do volume de casamentos ao sábado, que mais que duplicou. Os agricultores do grupo HIS4 parecem ter preferido a quinta-feira. Também em Avidos, dados sobre o comportamento diferencial da distribuição semanal dos casamentos revelou que, ao longo do século XIX, os noivos agricultores preferiam o mesmo dia: a quinta-feira⁵¹.

Gráfico 13. Distribuição semanal dos casamentos do grupo HISCLASS5 (1800-1849/1850-1905)



Fonte: Elaboração própria a partir do Repositório Genealógico Nacional (2021)

O grupo HIS5, composto por trabalhadores agrícolas sem terra e sem qualquer tipo de qualificação, parece não ter manifestado qualquer alteração no padrão matrimonial. O sábado, após 1850, teve maior procura à semelhança dos grupos anteriores. No entanto, os trabalhadores não manifestaram alterações das suas preferências ao longo do período em estudo. Por outro lado, apesar de não manifestarem preferências dominantes, concentram maior celebração das uniões ao sábado, ao domingo e à segunda-feira, opção provavelmente articulada com a irregularidade das suas tarefas, a instabilidade dos trabalhos realizados pelos trabalhadores ou jornaleiros assalariados.

Da análise dos Gráficos 11, 12 e 13, destaca-se um comportamento uniforme na diminuição acentuada da seleção da terça e da sexta-feira, principalmente ao longo da última parte do século XIX. De um modo geral, o *status* socioprofissional não parece ter tido efeitos determinantes no padrão semanal de matrimónios do conjunto das 33 freguesias do concelho de Fafe.

⁵¹ PAIVA, 2001: 101.

NOTAS FINAIS

O trabalho sobre padrões de casamento semanal das populações do concelho de Fafe ao longo de mais de dois séculos, assente numa amostra de dados demográficos e genealógicos composta por 26 841 datas de matrimónios, permitiu estabelecer uma relação com indicadores diferenciais. O conjunto das 33 paróquias apresentou ritmos de evolução matrimonial diferentes, com uma média anual de 104 uniões, que oscilou entre um mínimo de 28 em meados do século XVII e um máximo de 195 no fim de Oitocentos. Da observação das preferências, sobressai o domingo até 1749, mantendo-se após esta data a níveis próximos de preferência com as *Saint Mondays* e, mais tarde, já em meados do século XIX, com o sábado. Comportamento semelhante foi observado nas populações transmontanas de Chaves e Palaçoulo, e nas paróquias minhotas de Meadela e Ronfe.

A escolha do dia da semana para casar não resultava apenas da disponibilidade de tempos livres ou do calendário laboral: a superstição parece ter exercido uma função reguladora na seleção do dia, visível através da objeção às terças (4,3%) e sextas (7,1%). Na abordagem segundo a idade, 50,6% e 14,5% correspondem, respetivamente, a nubentes com menos e mais de 35 anos. Em ambos os grupos, sobressai o domingo como dia preferencial até meados do século XVIII. Após esse momento, o sábado ressalta nos noivos com menos de 35 anos, e a segunda-feira assume a preferência dos nubentes com 35 e mais anos.

A análise das conceções pré-nupciais revelou que as mulheres não grávidas apresentaram maior propensão para casar ao domingo, com uma superioridade de cerca de 40% registada no fim do século XVII, que se foi esbatendo ao longo do século XVIII. Em Setecentos e até meados do século seguinte, foram sobretudo as mulheres em estado avançado de gravidez que celebraram as uniões à sexta; mulheres possivelmente «forçadas», por se tratar de casos urgentes e da tentativa de encobrir a barriga, realizando cerimónias apressadas em dias com pouca preferência. Após meados do século XIX, assiste-se a uma queda do volume de uniões, tanto à terça como à sexta-feira, provavelmente relacionada com a despenalização de conceções pré-matrimoniais.

A distribuição semanal dos casamentos segundo as atividades socioprofissionais apresentou, após 1850, uma harmonização do padrão, com o aumento regular da seleção do sábado. Este incremento parece estar associado à distribuição socioprofissional da sociedade do município de Fafe num momento pré-urbano. Curiosamente, os grupos HIS3 e HIS5 são os que apresentavam maior volume de casamentos ao domingo, no dia do «descanso do Senhor», o que nos faz crer que, de um modo geral, ocorreu uma concordância entre os dias de trabalho e os dias de descanso. Este trabalho permitiu compreender melhor a evolução da seleção do dia para casar ao longo de cerca de 250 anos no concelho de Fafe.

Os resultados obtidos demonstram uma relação com as tendências encontradas em populações inglesas e francesas.

Futuramente, espera-se que o desenvolvimento de novas abordagens assentes na exploração metódica e especializada das fontes históricas permita à historiografia portuguesa acompanhar a «revolução científica» reconhecida na comunidade académica internacional, esperando que a demografia histórica forneça à demografia atual bases sólidas para as projeções que lhe são exigidas.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Maria Norberta (1987). *Guimarães 1518-1819. Estudo Demográfico*. Lisboa: INIC.
- AMORIM, Maria Norberta (1990). *Perspetivas da aplicação da metodologia da Demografia Histórica no estudo das Populações*. «Cadernos do Noroeste». 3, 1-2.
- AMORIM, Maria Norberta (1991). *Uma Metodologia de Reconstituição de Paróquias*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- AMORIM, Maria Norberta (2012). *Desafios da Cidade numa abordagem clássica de Demografia Histórica. O caso de Guimarães entre o século XVI e o XX*. In *Actas do I Congresso Histórico Internacional — As Cidades na História: população*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, vol. I, pp. 83-111.
- [BASES DE DADOS Paroquiais do Concelho de Fafe]. In *Repositório Genealógico Nacional*. [Consult. 10 dez. 2020]. Disponível em <www.csarmento.uminho.pt>.
- BOULTON, Jeremy (1987). *Economy of time? Wedding days and the working week in the past*. [Consult. 18 jan. 2021]. Disponível em <http://www.localpopulationstudies.org.uk/PDF/LPS43/LPS43_1989_28-46.pdf>.
- CAOP: *Carta Administrativa Oficial de Portugal*, 2012. [Consult. 28 dez. 2020]. Disponível em <<https://www.dgterritorio.gov.pt/cartografia/cartografia-tematica/caop>>.
- COSTA, Padre António Carvalho da (1706). *Corographia Portuguesa e descrição topográfica do famoso reino de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas e logares que contém; varões ilustres; genealogia das famílias nobres, fundações de conventos; catálogos dos bispos; antiguidades; maravilhas da natureza, edificios e outras curiosas observações*. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, tomo I.
- FAUSTINO, José Alfredo Paulo (2014). *A População da Vila de Chaves entre 1780 e 1880*. Braga: Universidade do Minho. Tese de doutoramento.
- FERNANDES, Milene dos Anjos (2015). *A população de Priscos entre os Séculos XVI e XX: estudo demográfico*. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.
- FERREIRA, Francisco Trindade (2005). *Viver e morrer no território do antigo concelho de Eixo (1590-1910)*. Braga: Universidade do Minho. Tese de doutoramento.
- FLINN, Michel W. (1989). *El Sistema Demográfico Europeo, 1500-1820*. Barcelona: Ed. Crítica.
- GILLIS, John R. (1985). *For Better, for Worse: British Marriage, 1600 to the Present*. Oxford: Oxford University Press.
- GODINHO, Anabela S. de Deus (1999). *Comportamentos demográficos de uma freguesia rural do Baixo Alentejo: Selmes (séculos XVIII-XIX)*. Lisboa: ISCTE. Tese de mestrado.
- GODINHO, Anabela S. de Deus (2008). *Lisboa Pré-Pombalina: a Freguesia da Sé, Demografia e Sociedade (1563-1755)*. Lisboa: ISCTE. Tese de doutoramento.

- HAJNAL, John (1965). *European marriage patterns in perspective*. In GLASS, David Victor; EVERSLEY, David Edward Charles, eds. *Population in History*. London: Edward Arnold, pp. 101-143.
- LAGIDO, Emília Pereira (2004). *Santa Maria de Âncora (1624-1910). População e Sociedade*. Guimarães: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.
- LEBRUN, François (1983). *A Vida Conjugal no Antigo Regime*. Tradução portuguesa de M. Carolina Queiroga Ramos. Lisboa: Edições Rolim.
- LEEUWEN, Marco H. D.; MAAS, Ineke (2011). *HISCLASS. A Historical International Social Class Scheme*. Leuven: Leuven University Press.
- LEITE, Odete T. P. S. (2013). *Vila Nova de Famalicão — de freguesia rural a urbana (1620-1960). Comportamentos demográficos e sociais*. Braga: Universidade do Minho. Tese de doutoramento.
- MARQUES, Rosa Maria V. (1999). *Nupcialidade e fecundidade numa vila do Alto Alentejo: Évora-monte (1700-1862)*. Lisboa: ISCTE. Tese de mestrado.
- MESQUITA, Maria Hermínia (1998). *Evolução Demográfica na Criação Velha. Paróquia do Sul do Pico (1801-1993)*. Madalena: Direcção Regional da Cultura.
- MONTEIRO, Miguel (2000). *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834-1926)*. Fafe: Câmara Municipal de Fafe.
- NEVES, António Amaro (2001). *Filhos das Ervas. A ilegitimidade no norte de Guimarães (séculos XVI - XVIII)*. Guimarães: NEPS/ICS da Universidade do Minho.
- PAIVA, Odete Tavares (2001). *S. Martinho de Avidos — Comunidade Rural do Vale do Ave. Demografia e Sociedade (1599-1995)*. Vila nova de Famalicão: NEPS.
- PÉREZ GARCIA, José Manuel (1979). *Un modelo de sociedad rural de Antiguo Régimen en la Galicia Costera*. Santiago de Compostela: Departamento de História Moderna, Universidad de Santiago de Compostela.
- RAPOSO, Fábía Maria (2000). *Estudo Demográfico de uma Paróquia do Planalto Mirandês. Palaçoulo (1656-1910)*. Guimarães: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- REGO, Maria Aurora Botão (2013). *De Santa Marinha de Gontinhães a Vila Praia de Âncora (1624-1924). Demografia, Sociedade e Família*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Tese de doutoramento.
- REID, Douglas A. (1996). *Wedding, Weekdays, Work and Leisure in Urban England 1791- 1911: The Decline of Saint Monday Revisited*. «Past & Present». 153, 135-163. DOI: <https://doi.org/10.1093/past/153.1.135>.
- ROWLAND, Robert (1988). *Sistemas Matrimoniales en la Península Ibérica (siglos XVI-XIX). Una Perspectiva Regional*. In PÉREZ MOREDA, Vicente; REHER, David-Sven, eds. *Demografia histórica en España*. Madrid: Ediciones el Arquero, pp. 72-137.
- RULE, John; FERRANDIS GARRAYO, M. L. (1997). *Tiempo y clase obrera en la Gran Bretaña contemporánea*. «Historia Social». 27, 23-36.
- SANTOS, Isabel Maria R. (2004). *Prainha do Norte. Um estudo da nupcialidade, 1664-1764*. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.
- SCOTT, Ana Sílvia (1999). *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (Séculos XVIII e XIX)*. Guimarães: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Tese de doutoramento.
- SILVA, Maria Manuela T. F. (1997). *Comportamentos demográficos de uma paróquia do concelho de Braga, Santa Maria de Aveleda, 1580-1993*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.
- SOARES, António Franquelim S. N. (1997). *A Arquidiocese de Braga no século XVII. Sociedade e mentalidades pelas visitas pastorais (1550-1700)*. Braga: Universidade do Minho. Tese de doutoramento.

- SOLÉ, Glória Parra Santos (2001). *Meadela, Comunidade Rural do Alto Minho. Sociedade e Demografia (1593-1850)*. Guimarães: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- THOMPSON, E. P. (1967). *Time, Work-Discipline, and Industrial Capitalism*. «Past & Present». 38, 56-97. [Consult. 2 fev. 2021]. Disponível em <<http://libcom.org/files/timeworkandindustrialcapitalism.pdf>>.
- VASCONCELOS, José Maximo de Castro N. L. (1860). *Collecção Official da Legislação Portuguesa, Anno de 1859*. Lisboa: Imprensa Nacional. [Consult. 28 dez. 2020]. Disponível em <<http://net.fd.ul.pt/legis/1859.htm#>>.
- VOTH, Hans-Joachim (1998). *Time and Work in Eighteenth-Century London*. «The Journal of Economic History». 58:1, 29-58. [Consult. 17 jan. 2021]. Disponível em <<http://web.mit.edu/14.731/papers/timework.pdf>>.